Artigos

ESPARTA E SÍBARIS

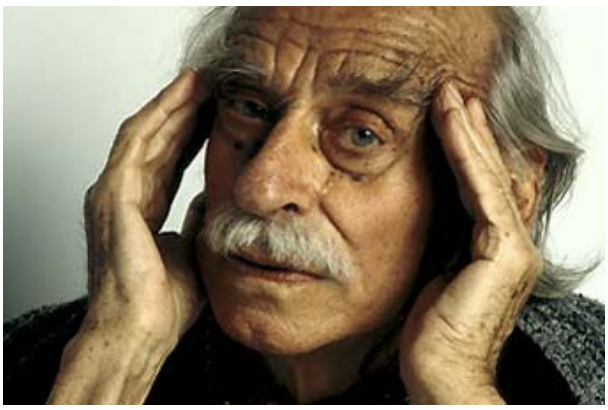
Luis Fernández-Galiano
11/01/2008

Arquiteto e Crítico de Arquitetura

Publicado originalmente em *El Pais*, edição de 11 de agosto de 2007, sob o título "Esparta y Síbaris".
Tradução: Letícia Ligneul Cotrim
Revisão técnica: Mauro Almada

* * *

Bernard Rudofsky quis ser, simultaneamente, espartano[1] e sibarita[2]. O arquiteto vienense está hoje quase esquecido, mas seu empenho em reconciliar 'laconismo' e 'sensualidade' é mais pertinente que nunca. Num Planeta consciente de seus limites ecológicos [*físicos*], a vontade de tornar compatível a redução do consumo com o aumento [*multiplicación*] do prazer se tornou a pedra angular de um programa político que possa ser, ao mesmo tempo, um projeto vital.



Bernard Rudofsky (1905-88).
Crédito: Wilfried Krüger in www.cca.qc.ca

Fernando Savater assegura que a felicidade reside em conciliar [*reunir*] gostos simples com uma mente sofisticada [*complicada*], e é possível que esta conjugação de 'austeridade' e 'refinamento' não esteja muito longe da proposta de Rudofsky, um propagandista tenaz da necessidade de conciliação entre 'disciplina' e 'hedonismo', dois pólos de referência que imaginou exemplarmente materializados nas arquiteturas japonesa e mediterrânea.

Iha de Santorini, na Grécia: arquitetura mediterrânea típica.

Crédito: www.worldwidetrails.org

Esses dois universos, formais e sensoriais, inspiraram o conjunto de sua obra, que se estende do *design* de Moda à crítica da vida cotidiana, e que neste verão estamos rememorando com uma mostra em Montreal – já exibida em Viena –, fruto tardio do Centenário de Rudofsky, comemorado em 2005.

Casa João Arnstein, Rua Canadá 714, São Paulo. Arquiteto Bernard Rudofsky, 1941.

Crédito: GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652-1942*, 1943.

Da mesma forma que seu contemporâneo Bruno Taut, admirador devoto da elegância 'exata' da casa japonesa, Rudofsky encontrou, na construção vernácula e nos rituais domésticos do Japão, manifestações rigorosas de uma 'ética do despojamento' e de uma 'estética da sensualidade', que julgava inerentes à sabedoria da vida. E não foi muito diferente sua percepção das arquiteturas autóctones e da indumentária tradicional das civilizações mediterrâneas – das casas-pátio às túnicas e sandálias –, tudo expressão de uma relaxada alegria de viver, tão desnuda no que se refere aos meios, quanto inesgotável em seus encantos.

Interior de uma tradicional casa japonesa.

Crédito: www.brainsinchains.com

Em 1938, escreveu seu primeiro artigo, inspirado na máxima de que "o que faz falta não é uma nova forma de construir, mas uma nova forma de viver". Meio século depois, voltou a utilizar esta frase programática como subtítulo de sua última exposição, *Sparta / Sybaris*, inaugurada em sua cidade natal, um ano antes de sua morte em 1988, onde os banhos coletivos, a latrina onde se medita, e os tatames [*futones*] noturnos japoneses se misturavam com as referências míticas do Mediterrâneo.

***The Baths of Caracalla*.**

Sir Lawrence Alma-Tadema, óleo s/tela, 1899.

Crédito: incognitas.i-webhosted.co.uk

Pois foi precisamente próximo desse mar, entre 1969 e 1971, que ele ergueu sua última obra, uma casa 'plantada' entre olivais, na aldeia malaguenha de Frigiliana, não muito longe de Nerja, onde passaria os verões, com sua mulher Berta, nas duas derradeiras décadas de sua vida.

Construída com sóbria naturalidade, sobre uma cumeada a três quilômetros da costa, e esparramando-se no terreno com suas pérgulas e pórticos, erguia-se o que Rudofsky chamou '*La Casa*'. Desprovida de telefones, rádio ou televisão, abrigava, em troca, obras de uma plêiade de amigos, artistas e arquitetos, que iam de Calder a Christo, e dos Eames[3] a Le Corbusier. "Eu a fiz pensando no verão", escreveu ele ao escultor Isamu Noguchi, e de fato, é no tempo aprisionado [*detenido*] pelo estio que a casa melhor expressa sua condição de 'manifesto' por uma vida lenta e prazenteira, órfã das espreguiçadeiras [*triclinios*] e dos colchonetes [*tatamis*] – onipresentes em suas exposições mais exoticamente provocativas –, mas não menos sedutora em sua defesa distraída de uma existência epicurista [epicúrea], tão exigente na busca de uma 'simplicidade essencial', quanto amável no desfrute dos 'prazeres do corpo' [*placeres de la piel*].

A casa de Rudofsky em Frigiliana, Espanha.

Crédito: Alberto Taveira, intervenção sobre imagens de blog.centroguerrero.org

A geração de Rudofsky ficou marcada tanto pela experiência devastadora dos totalitarismos quanto pelas reações ensimesmadas de refúgio no universo privado. Arquitetos nazistas como Albert Speer, e comunistas como Juan O'Gorman, ambos autores de uma obra 'militante', tinham exatamente a mesma idade que Rudofsky; mas também outros, como o extravagante [*exquisito*] Carlo Mollino[4], que empregou seu talento em projetos de clubes de equitação, estações de esqui e boates, no *design* de móveis erótico-fetichistas, e na fotografia voyeurística.

Móveis de Carlo Mollino: cadeira da *Casa Licitra*, 1950; mesa da série *Arabesco*, 1949; & poltrona, 1947.

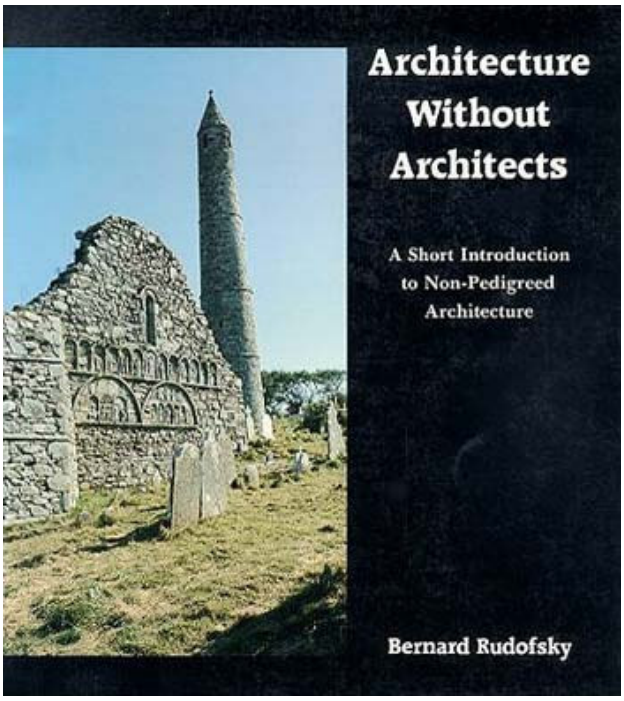
Crédito: Alberto Taveira, intervenção sobre imagens de boomer-cafe.net & www.darc.beniculturali.it

Rudofsky imaginou ter encontrado um caminho intermediário, afastando-se ao mesmo tempo dos messianismos 'regulamentados' [*regimentados*], característicos das utopias políticas, e do enclausuramento em recintos íntimos ou de entretenimento. Sua 'austeridade sensual', que transbordou para o *design* das famosas sandálias *Bernardo* [*Bernardo Sandals*], combinava a nudez despojada [*desnudez escueta*] do vernáculo com a modernidade, valorizando o conforto natural e o hedonismo espontâneo, contíguo à perversão, expresso nas correntinhas [*cadenitas*] ocultas que atam joelhos e tornozelos, dificultando o caminhar e acentuando a percepção do corpo, uma proposta de 'joguinho' [*juguete*] sexual que, como assinala seu biógrafo Andréa Bocco, antecipa a moda sadomasoquista do *piercing* e as criações contemporâneas de John Galliano, muito similares.

Criadas em 1947, as *Bernardo Sandals*, em seus vários modelos, são sucesso até hoje.

Crédito: Alberto Taveira, intervenção sobre imagem de www.mqw.a

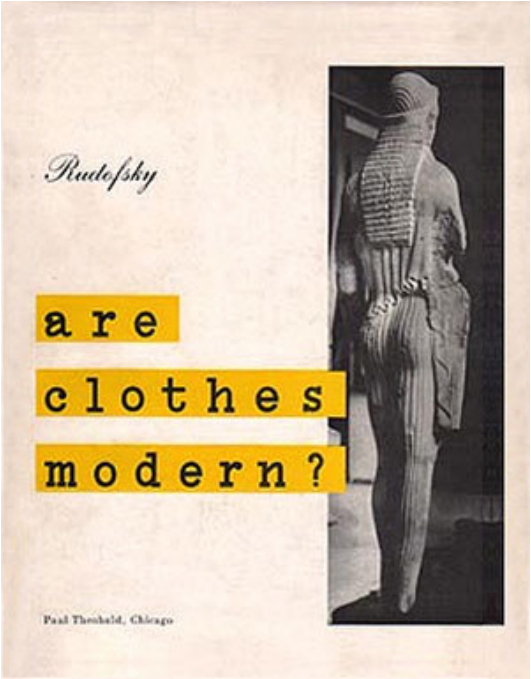
Para muitos, Rudofsky é unicamente o autor de *Arquitetura sem Arquitetos*, a exposição de fotografias de construções vernaculares que, após sua inauguração no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, em 1964, viajou por mais de 80 cidades, nos 11 anos seguintes, comercializando mais de 100.000 exemplares de seu extraordinário catálogo.



***Architecture Without Architects: a short introduction to non-pedigreed Architecture*, de Rudofsky, republicado pela Universidade do Novo México, em 1987.**

Crédito: www.amazon.ca

Entretanto, o defensor da lógica e da beleza da arquitetura 'espontânea' – a qual documentou no decorrer de suas inúmeras viagens e longos períodos de residência em diferentes países – foi também um construtor de casas admiravelmente 'habitáveis', um *designer* de roupas 'à vontade' [*indumentária ad lib*], e um reformador dos usos domésticos, além de talentoso fotógrafo e desenhista.



Are Clothes Modern? **Livro de 1947, onde Rudofsky questiona a contemporaneidade da Moda, comparando tempos e culturas antigos e atuais.**
Crédito: www.optosbooks.com

Talvez, antes de tudo, Bernard Rudofsky tenha sido um filósofo moral, propositor persuasivo de um sibaritismo espartano que ainda possa nos inspirar, particularmente nesses dias de verão que nos convidam a refluir para os prazeres primários. Pois neste mundo de recursos minguantes e calor crescente, desfrutar das coisas simples pode tornar-se mais uma necessidade que uma escolha.

A sombra de Rudofsky, numa fotografia sobre o 'sagrado', durante viagem à Índia, em 1982.

Crédito: www.springer.com

*

NOTAS DE TRADUÇÃO

1. **Esparta** (ou Σπάρτη, em grego): uma das cidades-estado da Antiga Grécia. No século V aC, derrotou Atenas e assumiu o controle de todo o Peloponeso. Perdeu essa hegemonia em 371 aC, mas ainda manteve-se poderosa por mais de 200 anos. Atenas tornou-se então a capital política da região, e Esparta a militar. Localizada numa região própria para o cultivo da vinha e da oliveira, nunca conseguiu se tornar um núcleo urbano importante. Sua estrutura de poder, militarista, tinha como principal objetivo formar cidadãos-soldados, bem treinados, corajosos e disciplinados. **Espartano**: aquele que possui a severidade da educação e dos costumes de Esparta; sóbrio, rigoroso, austero, severo, virtuoso. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Esparta.

***Leonidas at Thermopylae*.**
Óleo s/tela (1814) de Jacques-Louis David, retratando o maior espartano.
Crédito: www.abcgallery.com

2. **Síbaris** ou **Sybaris** (Σύβαρις, em grego; Sibari, em italiano): uma das primeiras colônias gregas fora do Peloponeso, fundada em 720 aC, na península itálica. O comércio a tornou rica e opulenta, e uma das mais importantes cidades da Magna Grécia. **Sibarita**: pessoa dada à indolência e aos prazeres da vida; o mesmo que 'hedonista'. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADbaris.

A localização de Síbaris, na atual Itália,
e a moeda de prata (550-510 a.C.), símbolo de seu esplendor comercial.
Crédito: Alberto Taveira, intervenção sobre imagens de
www.luventicus.org & www.dearqueologia.com

3. **Charles Eames** (1907-78), casado com **Ray-Bernice Alexandra Kaiser Eames** (1912-88): ambos arquitetos, *designers* e cineastas norte-americanos, responsáveis por projetos clássicos e icônicos do século XX, nas áreas de Arquitetura & *Design*. Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Eames e http://en.wikipedia.org/wiki/Ray_Eames.

4. **Carlo Mollino** (1905-73): arquiteto, *designer*, fotógrafo e escritor italiano. Cf. http://it.wikipedia.org/wiki/Carlo_Mollino, http://www.dolcevita.com/design/mollino/mollino.htm e http://www.postmedia.net/06/mollino.htm.

Envie este texto

[versão para impressão] [topo da página]

© ViverCidades 2001–2006. Direitos autorais reservados.
É permitida a reprodução de textos e imagens, desde que citada a fonte.